

# AS VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS NA PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE AUTOAPRENDIZAGEM NAS AULAS DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sérgio Couto<sup>1</sup>

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (DHEEAA)

Sara Dias-Trindade<sup>2</sup>

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras (DHEEAA)

## RESUMO

A introdução do estudo da História Local e do Património em contexto escolar revela-se bastante pertinente, demonstrando grandes potencialidades no âmbito do desenvolvimento da compreensão histórica. Auxiliando os alunos a compreender melhor o espaço no qual estão inseridos, o Património e a História Local podem e devem unir contributos. Para além disso, as visitas de estudo contribuem para o enriquecimento das aprendizagens, ligando acontecimentos, personagens, conteúdos, à memória sobre o local e, concretamente, aproximando os estudantes do contexto dos espaços que habitam e por onde circulam. Porém, sendo difícil, por vezes, o acesso físico aos espaços, as visitas de estudo virtuais permitem o acesso à informação e a construção de conhecimento sobre a história de um dado local, a partir dos ambientes digitais preparados pelo docente. O estudo apresentado neste trabalho foi realizado com uma turma da educação básica, procurando verificar o impacto das visitas de estudo virtuais nas competências de autoaprendizagem dos estudantes. A metodologia escolhida foi a Design Based Research - DBR, com recurso a um instrumento de avaliação qualitativa da perceção dos alunos acerca das competências de autoaprendizagem. Os resultados do estudo mostram que os alunos demonstraram claras capacidades de mobilizar os seus conhecimentos e revelaram-se conscientes da responsabilidade pela aprendizagem ativa que tiveram durante a atividade.

**Palavras-chave:** História Local. Património Cultural. Estudo virtuais. Competências. Autoaprendizagem.

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de História do Ensino Básico e no Ensino Secundário Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Email: ser.couto@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História, Didática e Pós-Doutora em Tecnologias da Educação e da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Email: sara.trindade@uc.pt

## **VIRTUAL STUDY VISITS IN THE PROMOTION OF SELF-LEARNING SKILLS IN HISTORY CLASSES IN LOWER SECONDARY EDUCATION**

### **ABSTRACT**

The introduction of the study of Local History and Heritage in a school context is very pertinent and shows great potential in the development of historical understanding. By helping students to better understand the space in which they live, heritage and local history can and should make a joint contribution. Furthermore, study visits contribute to the enrichment of learning by linking events, characters and contents to the memory of the place and, concretely, by bringing students closer to the context of the spaces they live in and go through. However, being difficult, sometimes, the physical access to the spaces, virtual study visits allow the access to information and the construction of knowledge about the history of a given place, based on the digital environments prepared by the teacher. The study presented in this work was done with a lower secondary education class, aiming at verifying the impact of the virtual study visits in the students' self-learning competences. The methodology chosen was the Design Based Research (DBR), using an instrument of qualitative evaluation of the students' perception about the self-learning competencies. The results of the study show that students demonstrated clear abilities to mobilise their knowledge and were aware of the responsibility for their active learning during the activity.

**Keywords:** Local History. Cultural Heritage; Virtual study visits. Self-learning Skills.

## **VISITAS DE ESTUDIO VIRTUALES EN LA PROMOCIÓN DE HABILIDADES DE AUTOAPRENDIZAJE EN CLASES DE HISTORIA EN EDUCACIÓN SECUNDARIA INFERIOR**

### **RESUMEN**

La introducción del estudio de la Historia Local y del Patrimonio en el contexto escolar es muy pertinente y muestra un gran potencial en el desarrollo de la comprensión histórica. Al ayudar a los alumnos a comprender mejor el espacio en el que viven, el Patrimonio y la historia local pueden y deben contribuir conjuntamente. Además, las visitas de estudio contribuyen para enriquecer el aprendizaje al vincular los acontecimientos, los personajes y los contenidos a la memoria del lugar y, concretamente, al acercar a los alumnos al contexto de los espacios que habitan y recorren. Sin embargo, siendo, a veces, difícil el acceso físico a los espacios, las visitas de estudio virtuales permiten el acceso a la información y la construcción del conocimiento sobre la historia de

un determinado sitio, a partir de los entornos digitales preparados por el profesor. El estudio que se presenta en este trabajo se realizó con una clase de educación secundaria inferior, con el objetivo de comprobar el impacto de las visitas de estudio virtuales en las competencias de autoaprendizaje de los alumnos. La metodología elegida fue la Investigación Design Based Research (DBR), utilizando un instrumento de evaluación cualitativa de la percepción de los alumnos sobre las competencias de autoaprendizaje. Los resultados del estudio muestran que los estudiantes demostraron claras habilidades para movilizar sus conocimientos y fueron conscientes de la responsabilidad de su aprendizaje activo durante la actividad.

**Palabras clave:** Historial local. Patrimonio Cultural. Visitas de estudio virtuales. Habilidades de autoaprendizaje.

## 1 VISITAS DE ESTUDO VIRTUAIS E ENSINO DE HISTÓRIA

Dado o avanço tecnológico e digital ao nosso alcance a qualquer instante e face à valorização das TICs nos estabelecimentos escolares, atualmente existe a possibilidade de realizar visitas de estudo sem sairmos do espaço escolar e até da sala de aula, uma vez que frequentemente a escola nos oferece condições para tal. Assim sendo, essas condições podem e devem ser exploradas no âmbito de fornecer o melhor ensino possível aos alunos.

A ideia de que para se realizar uma visita de estudo virtual basta ter um pouco de criatividade e alguns recursos, não sendo necessário optar por aplicações complexas no campo tecnológico, bastando simples mapas ou vídeos (FARIA, 2014 apud SANTOS, 2019).

A vertente prática das visitas de estudo virtuais, referindo que a visita de estudo virtual é a combinação de várias fotografias numa só imagem, podendo ser utilizadas também imagens de 360º e imagens panorâmicas (JACOBS, 2004 apud SANTOS, 2019).

No âmbito deste tipo de visitas de estudo importa sublinhar que apesar de virtuais, devem ser encaradas como atividades pedagógicas e preparadas como tal, portanto, como estratégia pedagógica e didática deve ser devidamente planejada e organizada para poder ser produtiva para o professor e para os alunos. A existência de um guião que oriente os alunos na visita torna-se muito relevante para os mesmos, assim como para o professor, que pode realizar o guião da visita consoante os objetivos que traçou para a atividade e que pretende alcançar, o que exige uma pesquisa prévia para a definição dos objetivos, mas também para adequar a atividade às necessidades da turma.



Os recursos tecnológicos podem e devem ser utilizados para implementar estratégias de cariz construtivista, que possibilitam aos alunos construir autonomamente o seu conhecimento, dotando-os de capacidades essenciais para o seu futuro, como é o caso da autonomia, da colaboração ou do espírito crítico (PINHEIRO, 2017).

Além disso, considera-se que as atividades de cariz construtivista, recorrendo às tecnologias que atualmente estão largamente implementadas no quotidiano de professores e alunos, são uma mais valia para consciencializar os alunos de como utilizar de forma pedagógica as tecnologias digitais às quais recorrem constantemente. Crê-se que é importante não ignorar o facto de que aparelhos de tecnologia digital, de computadores a telemóveis, estão vincadamente inseridos na vida dos alunos, no entanto, muitos não conhecem as potencialidades que os aparelhos têm na sua educação e na sua aprendizagem, porque simplesmente não foram incentivados a utilizar estas tecnologias para tal.

As visitas de estudo virtuais são também uma possibilidade ao dispor do professor para aproximar os alunos das fontes patrimoniais, despertando uma motivação que não seria alcançada numa aula expositiva, permitindo que os estudantes visitem virtualmente locais que dificilmente seriam um destino possível numa visita de estudo *in loco*, devido a distância, ao custo ou a qualquer outro motivo (PINHEIRO, 2017).

Revela-se igualmente pertinente referir que existem circunstâncias nas quais as visitas de estudo virtuais são a única possibilidade viável, como é o caso do planeamento de visitas a áreas restritas (devido ao facto de serem zonas protegidas às quais não podem afluir grandes grupos de pessoas) e quando se pretende visitar locais que se situam em zonas com acesso difícil em termos de vias de comunicação (PINTO, 2015).

No entanto não está livre de fragilidades. A presença física num espaço museológico imprime também um carácter especial à visita, que não se consegue por meio de um ecrã de computador e, é também necessário que a Escola disponha dos recursos tecnológicos e digitais necessários/imprescindíveis para a concretização da visita virtual em espaço de sala de aula.

Como Choay (2015, p. 245) refere que: “A reprodução fotográfica convida ao conhecimento direto e à visita efetiva dos monumentos”. De facto, face aos recursos tecnológicos atualmente disseminados na comunidade, devem ser tidos em conta os contributos da visita de estudo virtual, que ao dar a conhecer espaços patrimoniais a indivíduos que os desconhecem, libertam uma curiosidade que incentivará à visita *in loco*, mas também, incentivam ao respeito e à valorização do património.

O trabalho aqui apresentado teve por objetivo verificar o impacto das visitas de estudo virtuais no desenvolvimento de competências de autoaprendizagem de estudantes na educação básica.

Perante o momento que a educação atravessa, onde durante bastante tempo a educação presencial esteve vedada a todos pelo mundo inteiro, e onde ainda agora se sentem os reflexos de uma pandemia que não permite a retomada das atividades escolares com toda a normalidade (e, sobretudo, tem impedido a concretização de visitas de estudo), este trabalho assume particular importância por contribuir com uma estratégia que faz uso dos ambientes digitais para potenciar os processos de aprendizagem nas aulas de história.

## 2 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A metodologia utilizada na realização do presente trabalho é a *Design-Based Research* - DBR, que consiste numa inovadora abordagem de investigação que reúne vantagens das metodologias de natureza qualitativa e quantitativa, com o objetivo de desenvolver aplicações que possam ser integradas em práticas sociais, tendo sempre em atenção as particularidades do meio no qual essas aplicações serão inseridas, procurando a resolução de problemas detetados (MATTA; SILVA; BOAVENTURA, 2014).

A *Design-Based Research* - DBR é frequentemente rotulada de uma metodologia bastante flexível, com diferentes modalidades de investigação, podendo variar relativamente aos seus objetivos e características (PLOMP, 2010).

Estas modalidades de investigação têm por base a articulação entre a teoria e a prática. A utilização desta metodologia implica a identificação de problemas em contextos reais e a projeção de soluções para os problemas identificados, planeando uma intervenção educativa, executando-a e posteriormente avaliando, tirando conclusões acerca da experiência educativa. A referida abordagem pode igualmente produzir novas teorias que expliquem as práticas realizadas e o seu principal objetivo é que a investigação melhore as práticas educativas, sempre que possível (NUNES, 2012).

Participaram neste estudo 13 estudantes de uma escola particular no Distrito de Coimbra - Portugal, 7 estudantes do sexo masculino e 6 estudantes do sexo feminino, todos com 12 anos de idade no início do ano letivo de 2019/2020.

O instrumento que serviu de base a recolha de dados foi a Escala de Competências de Autoaprendizagem - ECAA (SANTOS; RURATO; FARIA, 2000). Os itens desta escala organizam-se em torno das seguintes três dimensões: (i) Aprendizagem ativa ou aceitação da responsabilidade no processo de aprendizagem, que avalia a perceção e aceitação da responsabilidade na aprendizagem individual dos alunos durante a atividade; (ii) Iniciativa de aprendizagem, que avalia a iniciativa de envolvimento nos desafios estabelecidos na atividade; (iii) Autonomia na aprendizagem, que avalia a autonomia sentida pelos alunos durante o processo de aprendizagem. Este questionário e a referida escala foram aplicados após a realização da atividade.

### 3 DESCRIÇÃO DO ESTUDO

A realização de uma visita de estudo virtual foi programada por permitir rentabilizar o tempo em sala de aula, possibilitando a articulação entre os conteúdos que se encontravam a ser lecionados com a possibilidade de dar a conhecer aos participantes mais informação sobre História Local, nomeadamente, o espaço de Conímbriga, próximo de Coimbra, mas nem sempre visitado pelos jovens que vivem nessa região. Assim, desde o início deste estudo pretendia-se a aproximação dos alunos ao seu Património e a sua cidade de uma forma pragmática e exequível em contextos futuros.

Aliado à construção de conhecimento histórico, esta atividade pretendia também fomentar o desenvolvimento de competências transversais, nomeadamente levando os alunos a serem os principais agentes do seu processo de aprendizagem, usufruindo de uma autonomia muito maior, e onde o papel do professor seria apenas de orientador.

A visita de estudo virtual foi realizada no final de uma aula na qual foi lecionada a matéria relativa à romanização na Península Ibérica. Durante a aula foram apresentadas aos alunos várias imagens de vestígios da ocupação romana no distrito de Coimbra, nomeadamente, a planta da cidade de *Aeminium*, a *Villa Romana* do Rabaçal, as Ruínas de um anfiteatro Romano em Bobadela, a Ponte Romana de Góis e a reconstituição da cidade Romana de *Conímbriga*. Na imagem apresentada aos alunos da reconstituição da cidade de *Conímbriga*, os alunos conseguiram identificar algumas construções que já tinham sido demonstradas quando analisada a cidade de Roma.

Foi então explicada à atividade, organizados os participantes por grupos e apresentado o *site* a que teriam de aceder, através dos seus telemóveis, para concretizarem a visita. Os participantes podiam navegar livremente pelo *site*, tendo apenas em conta que teriam de preencher um questionário com algumas informações relevantes sobre os espaços que estavam a visitar de forma virtual.

Apesar de os alunos terem demonstrado algumas dificuldades iniciais e depois de recorrerem algumas vezes ao professor, conseguiram superar as dificuldades e responder às questões colocadas, mostrando capacidade para a mobilização de conhecimentos que tinham sido adquiridos anteriormente.

Depois de concretizada a atividade os participantes responderam ao questionário sobre as competências de autoaprendizagem cujos resultados se apresentam em seguida.



## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A escala utilizada, sobre competências de autoaprendizagem, avalia a percepção dos participantes em três categorias, são elas: *aprendizagem ativa*, *iniciativa* e *autonomia na aprendizagem*, permitindo compreender a opinião dos participantes sobre a concretização de uma visita de estudo virtual, onde os conhecimentos previamente adquiridos tiveram de ser mobilizados, de forma autônoma, para a construção de novo conhecimento, a partir de um recurso que visava uma aproximação destes estudantes ao seu Patrimônio local. As respostas foram avaliadas como tendência positiva (+), tendência negativa (-) ou hesitação (+/).

### 4.1 Aprendizagem ativa

Relativamente a opinião dos alunos quanto ao modo como esta experiência potenciou a sua capacidade para aprender e a sua responsabilidade no processo, todos os alunos que entregaram os questionários (13) revelaram respostas com tendência positiva, no entanto, um pouco diversificadas, tal como se verificou naturalmente nos restantes questionários, apresentando-se alguns exemplos de resposta no quadro a seguir:

Quadro 1 – Aprendizagem Ativa.

AI.4	AI.3	AI.7
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Tratando-se de uma experiência inovadora, diferente e motivante, captou a minha total atenção e, desse modo, aprendi com maior gosto. Uma vez que podíamos gerir a visita, realizei-a “ao meu ritmo” apreciando o que mais me interessava.”</i> (UR4)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Esta experiência incentivou-me a querer adquirir mais conhecimento sobre os romanos. A minha responsabilidade foi fazer a ficha solicitada.”</i> (UR3)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“A responsabilidade foi muita, porque nós tivemos a mexer sozinhos e nós é que controlávamos o dispositivo.”</i> (UR7)</li> </ul>

Fonte: Autoria própria (2020).

Tal como as respostas destacadas nos indicam, alguns alunos reconheceram efetivamente que tiveram uma grande responsabilidade durante a atividade.

*Os alunos poderiam gerir a atividade ao seu ritmo, daí ter sido bastante importante que não existissem grupos com muitos elementos, permitindo que cada um dos grupos tivesse uma intensa participação de cada um dos seus membros, tal como sucedeu nesta atividade (ALUNO 4).*

De facto, como é natural, nem todos os alunos desta turma têm o mesmo nível de motivação e empenho, mas o que é certo é que durante a atividade foi visível o esforço de todos, e o facto de terem um questionário com questões para responderem incentivou a que unissem esforços para realizar a tarefa com sucesso.

No mesmo sentido desta resposta, o Aluno 4 relatou que: *“Eu não conhecia quase nada sobre conímbriga e nesta visita de estudo virtual eu aprendi.* Já o Aluno 3 relatou: *“No nosso telemóvel realizamos a ficha e visitamos conímbriga”* (UR3).

A gestão da visita realizada pelos próprios alunos foi uma responsabilidade bastante grande, tal como referiu o Aluno 7: *“A responsabilidade foi muita, porque nós tivemos a mexer sozinhos e nós é que controlávamos o dispositivo”*(UR7). No entanto, alguns alunos referiram que a sua responsabilidade ao longo da atividade recaía no preenchimento do guião-questionário, tal como indicou o Aluno 3, cuja resposta foi destacada anteriormente. De facto, ambas as responsabilidades complementam-se, assim como as três respostas anteriormente destacadas, uma vez que os alunos, devido ao facto de terem de ser eles a controlar a plataforma virtual, necessitavam ter uma maior capacidade de gerir a sua visita e o próprio tempo, pois tinham também o questionário para preencher, o que foi fulcral para incentivar os alunos a investigar e a explorar a plataforma virtual de modo a encontrarem soluções para as questões propostas.

## 4.2 Iniciativa na aprendizagem

Quando questionados acerca sua capacidade de iniciativa para participar de forma ativa e envolverem-se nos desafios da visita de estudo virtual, verificaram-se 11 respostas de tendência positiva (+) e duas respostas de tendência negativa (-), como podem ser vistas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Iniciativa na aprendizagem.

Al.1	Al.11	Al.2
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“A visita de estudo ajuda a participação mais activamente e interagir mais com os outros para troca de ideias e conhecimentos.”</i> (UR14)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“A forma como a visita foi realizada motivou-me para participar porque despertou a nossa curiosidade e deu-nos vontade de fazer ainda mais perguntas.”</i> (UR24)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Na verdade não me envolvi muito porque foi uma aula um bocado parada.”</i> (UR15)</li> </ul>

Fonte: Autoria própria (2020).



Analisando as respostas podemos concluir que os alunos tiveram bastante iniciativa ao longo do processo de aprendizagem, debatendo e trocando ideias com os seus colegas de grupo para encontrarem soluções às questões do guião-questionário, mas também para compreender melhor o que observavam durante a visita virtual às ruínas de *Conímbriga*. Com a autonomia que os alunos tinham e a vasta responsabilidade da parte dos mesmos ao longo do processo, levou, naturalmente, ao surgimento de dúvidas e de algumas dificuldades, porém os alunos revelaram iniciativa para se envolver nestes desafios, e tal como refere o Aluno 11: “*A forma como a visita foi realizada motivou-me para participar porque despertou a nossa curiosidade [...]*”, os alunos sentiram-se motivados a abordar o professor que tinha essencialmente o papel de esclarecer algumas dúvidas que poderiam surgir durante a atividade. Entre as respostas um aluno referiu também que a sua capacidade de iniciativa se deveu ao facto de esta atividade incentivar a utilização do dispositivo móvel, algo que é pouco habitual nas aulas, como próprio Aluno 7 relatou: “*Sim, porque usamos o telemóvel, uma coisa pouco habitual*” (UR20).

Analisando o próprio momento no qual a atividade ocorreu, existiu a possibilidade de encontrar os alunos bastante motivados e com iniciativa de explorar a plataforma digital, debatendo as ideias, e tal como se tem vindo a referir, a unir esforços para transformar as hesitações iniciais em soluções e progressos.

Dois alunos deram respostas com tendência negativa (-), apesar de serem respostas pouco fundamentadas. Além da resposta do Aluno 2: “*Na verdade não me envolvi muito porque foi uma aula um bocado parada*”, um outro aluno referiu que a capacidade de iniciativa do mesmo se baseou em olhar para o aparelho no qual realizou a visita, o Aluno 13 relatou: “*A minha capacidade de iniciativa foi pouca, porque eu só estive a olhar para o computador*”(UR26), o que possivelmente revela que os alunos não estão habituados a atividades que exijam responsabilidade e um papel ativo como esta atividade, assim como, não estão habituados a utilizar estes aparelhos, tão presentes no seu quotidiano, enquanto ferramentas que os podem ajudar na sua aprendizagem, daí existir uma necessidade de os alunos serem estimulados a desenvolver capacidades desta índole, essencialmente numa época como a que estamos a viver, na qual um saudável e consciente domínio das tecnologias digitais, aliado a uma capacidade de trabalho autónomo são essenciais para o sucesso de qualquer aluno.

### 4.3 Autonomia na aprendizagem

Quanto à autonomia sentida pelos alunos na gestão da atividade, em 13 respostas, todas foram avaliadas como respostas de tendência positiva (+), o que não é uma surpresa, uma vez que foram os alunos os principais agentes da sua

aprendizagem durante a atividade, sendo que o papel do professor se cingiu apenas em esclarecer dúvidas emergentes ao longo da atividade.

Quadro 3 – Autonomia na aprendizagem.

AI.4	AI.5	AI.6
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Senti-me autónomo nesta visita virtual, uma vez que nos era permitido gerir o tempo de visualização de cada ponto de interesse, consoante o tempo que desejássemos, mediante o tempo total da visita.” (UR30)</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Tivemos de ser muito autónomos para preencher e vasculhar o site virtual.” (UR31)</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“Eu senti-me autónomo e participativo nesta visita uma vez que os conhecimentos que eu tinha vindos das aulas fizeram com que eu participasse e quisesse aprender mais.” (UR32)</i></li> </ul>

Fonte: Autoria própria (2020).

Tal como foi possível observar nas respostas destacadas no Quadro 3, os alunos tiveram noção da sua autonomia durante atividade. Essa noção da autonomia e da própria responsabilidade notou-se na reação dos alunos na fase inicial da atividade, na qual os alunos pareciam um pouco assustados, o que possivelmente se deve ao facto de não estarem habituados a atividades desta natureza que exijam uma responsabilidade tão grande da parte deles e um papel ativo acrescido. Entende-se, assim, que esta foi uma atividade adaptada à turma, uma vez que foi aplicada em sala de aula, com o auxílio constante do professor e que permitiu que os alunos tivessem o seu tempo para explorar o *site*, ler as informações e responder, colaborativamente, às questões.

Segundo a opinião revelada na resposta de um aluno, o mesmo demonstra que de facto foi importante a absorção prévia de algumas informações acerca da temática para poderem compreender melhor o que observavam, no entanto, creio que as notas informativas disponíveis no site e na primeira parte da ficha também auxiliaram os alunos, porém, eles deram mais importância às notas informativas do *site* do que às da ficha na fase inicial da atividade, analisando mais atentamente as informações da ficha quando as dificuldades começaram a aparecer e para auxiliá-los a responder às questões presentes no questionário.

A resposta de um aluno a esta questão revelou-se especialmente curiosa, porém entende-se que as informações que redigiu estão mais relacionadas com a capacidade de iniciativa, apesar de estarem também relacionadas com a autonomia, o aluno referiu que apesar de esta visita de estudo virtual ter sido realizada em grupo, não teve medo de interagir, fazer questões e participar empenhadamente na atividade,

como relatou o Aluno 11: “*Embora a visita fosse feita em grupo nunca tive medo de fazer perguntas e participar na atividade*”(UR37). Apesar de esta ser a resposta de um aluno apenas, poder-se-á levantar suposições acerca da mesma, considerando-se que este se sentiu mais à vontade para ter iniciativa de participação nesta visita virtual, no contexto de sala de aula, do que talvez se sentisse numa visita de estudo presencial, onde teria mais receio de errar frente a toda a turma ou na presença de mais pessoas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ligação ao Património e à História da cidade e do distrito de Coimbra revelou potencialidades imensas para serem utilizados no contexto educativo, além disso, existia uma fácil possibilidade de relacionar os espaços patrimoniais da cidade com os conteúdos programáticos. Estas potencialidades revelaram-se ainda mais pertinentes quando os alunos demonstravam desconhecer grande parte dos espaços patrimoniais mais célebres da cidade.

Durante a atividade realizada, na qual se procurou uma aproximação da turma ao Património da cidade de Coimbra e dar a conhecer a História da cidade aos alunos, estabelecendo ligações entre a História Local e os conteúdos programáticos lecionados sobre a romanização da Península Ibérica, os alunos revelaram capacidades nítidas de mobilizar os seus conhecimentos que tinham adquirido.

Quanto às competências de autoaprendizagem dos alunos, os mesmos revelaram-se conscientes da responsabilidade pela construção da sua própria aprendizagem. Devido à atividade ter sido assegurada pelos alunos, revelaram, nas suas respostas, ter mais autonomia e responsabilidade devido ao facto de a atividade o exigir, enquanto preenchiam o questionário. Destacam-se o sentimento de satisfação pela concretização do trabalho em equipa e a compreensão de que a maior autonomia no desenvolvimento da atividade os fez compreender a responsabilidade que tinham na condução do seu processo de construção de conhecimento.

Algo que se considera igualmente vantajoso na atividade foi à utilização dos dispositivos móveis, uma vez que os alunos utilizam os seus telemóveis frequentemente nos intervalos para fins lúdicos e, através desta atividade, aprenderam a utilizar tais dispositivos para auxiliá-los nas suas aprendizagens, a descobrir novos espaços, conhecendo a sua história e estimulando a curiosidade de realizar a visita de estudo *in loco* a tais locais visitados virtualmente.

Foi possível verificar que os alunos apesar de familiarizados com os dispositivos móveis, não têm o hábito nem desenvolveram as capacidades de utilizar os ditos dispositivos para os auxiliarem na sua aprendizagem, utilizando os referidos aparelhos essencialmente para fins lúdicos. Esta tendência tentou ser um pouco

contornada com a atividade da visita de estudo virtual e foi igualmente uma motivação para a realização da dita atividade.

Naturalmente, uma visita de estudo presencial promove uma socialização e uma construção de conhecimentos diferentes. Porém, como já referido, uma visita virtual pode também ser uma estratégia de aprendizagem valiosa e contribuir para desenvolver outro tipo de conhecimentos e competências, também essenciais no processo educativo.

As visitas de estudo virtuais sempre foram encaradas como estratégias para chegar virtualmente onde era difícil ou impossível aceder fisicamente. Porém, a concretização desta estratégia deu-se em plena pandemia de COVID-19, levando a assumir ainda mais a importância dessa atividade, demonstrando que os ambientes virtuais possibilitam ultrapassar muitos obstáculos, que as tecnologias digitais podem contribuir para potenciar o desenvolvimento de processos educativos de elevada qualidade (MONIZ; DIAS-TRINDADE; SILVA NETO, 2021).

## REFERÊNCIAS

CHOAY, F. **Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2015.

FARIA, A. **Visitas de estudo**: um desafio pedagógico no ensino da História. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2014. Disponível em: [http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/1585/1/Ana\\_Faria.pdf](http://repositorio.ipvc.pt/bitstream/20.500.11960/1585/1/Ana_Faria.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.

JACOBS, Corinna. **Interactive Panoramas**: Techniques for Digital Panoramic Photography. Springer: Media Publishing, 2004.

MATTA, A.; SILVA, F.; BOAVENTURA, E. Design-based Research ou pesquisa de desenvolvimento: pesquisa aplicada para educação a distância, **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, São Paulo, v. 23, n. 42, p. 23-36, jul./dez. 2014.

MONIZ, A. B.; DIAS-TRINDADE, S.; SILVA NETO, M. Pedagogia da memória no século digital: tecnologias digitais para estudar história local. **EducaOnline**, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./abr., 2021.

NUNES, M. **Apoio a pais e docentes de alunos com multideficiência**: conceção e desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

PINHEIRO, J. D. F. **Visita de Estudo Virtual versus Visita de Estudo in Loco**: Contributos para aprendizagem de História no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Braga: Universidade do Minho, 2017.

PINTO, T. **A visita de estudo virtual como estratégia pedagógica**: uma experiência no 1º Ciclo do Ensino Básico. Porto: Instituto Politécnico do Porto, 2015.

PLOMP, T., Educational design research: an introduction. *In*: PLOMP, T.; NIEVEEN, N. (eds.). **An introduction to educational design research**. Enschede: SLO, 2010.

SANTOS, N. L.; RURATO, P.; FARIA, L. Autoaprendizagem e autoconceito de competência em contexto empresarial. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v. 1, 2000. 135-146.

SANTOS, V. **Viagens pela minha Terra**: as visitas de estudo no contexto da História Local e Regional. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2019.

### AGRADECIMENTOS

O presente artigo é um recorte de um trabalho de mestrado em Ensino de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário que contou também com a orientação e revisão do Professor Doutor Saúl António Gomes, a quem os autores agradecem o apoio.

